



Composição II

Portinari

Desenho a guache e
caneta-tinteiro/cartão
26,5 x 29,4cm
1941, Washington, D.C

“Essa festa
não se
acaba, essa
festa não
tem fim”:

Pirenópolis e a alegria
da fé no Divino Espírito
Santo

| Felipe Berocan Veiga

De muito longe vem essa festa. Alguns autores, embebidos em místicas inspirações, consideram-na eco de remotas celebrações das colheitas, encontradas na tradição judaica e na tradição europeia das festas de maio ligadas à primavera.

ALVORADA. Depois da queima, o grande foguetório que ilumina os céus de Pirenópolis, há gente que dorme pela praça da cidade, amoitada pelos cantos, enquanto outros seguem bebendo e falando alto, celebrando a noite de sábado até alta madrugada.

De repente, nem raiada a aurora por trás da serra que emoldura a paisagem, surgem vultos longínquos acordando a cidade, marchando ao toque grave dos tambores da banda de couro – *Pam! Pam! Pampampam!* E ali se encontram, na mesma praça central, a “turma do já” e a “turma do ainda”, como é costume se dizer por lá, ao toque marcante das caixas que aos ouvidos das crianças soa como um chamado: “Vamos! Vamos! Vamos comer doce!”. Não tarda muito e, junto com o Sol, aparece no horizonte a banda de música, cortando alegremente seus dobrados rua acima. Algumas horas depois, à sombra das bandeirolas vermelhas e brancas, clarinetas, trombones e tubas já navegam rua abaixo, integrando um séquito fora do tempo, com virgens de branco formando um quadro no qual, ao centro, se distingue o imponente imperador do Divino e suas insígnias de ouro e prata.

Meninos dançadores de congo com penachos de ema na cabeça, graciosas pastorinhas de vestido e avental, crianças da contradança com chapéus de fita e negros elegantemente embalados no batuque da congada também integram o estranho cortejo, a essa altura já acompanhado por uma multidão. Em poucas horas, a rua do Rosário estará tomada pela euforia transbordante dos mascarados, cuja beleza assustadora e surrealista provoca todos os sentidos. Poderá ser vista ainda, na mesma rua e com o Sol a pino, a fileira composta por soldados mouros à frente da casa do rei, para conduzi-lo ao centro da praça para, à tarde, travar guerra contra o exército cristão nas cavalhadas¹.

Diante do cenário que evoca um tempo que parece não querer passar, emoldurado pelo azul das janelas coloniais e sobre o calçamento irregular de pedra, como entender a festa do Divino Espírito Santo e seu Império de representações confusas? Como compreender personagens tão diversas, encarnadas por gente de todas as idades, na mesma celebração?



1 Saída da folia, seguindo seu percurso de uma semana pelas fazendas da região. À frente, os alferes Roque e Litão, levando as bandeiras do Divino.

E como entender o enredo desse imenso teatro a céu aberto que é também uma devoção e que se desdobra em incontáveis festas dentro da festa, desde a Páscoa até *Corpus Christi*, nessa pequena cidade histórica do interior de Goiás?

SOB AS SANTÍSSIMAS ASAS. De muito longe vem essa festa. Alguns autores, embebidos em místicas inspirações, consideram-na eco de remotas celebrações das colheitas, encontradas na tradição judaica e na tradição europeia das festas de maio ligadas à primavera. Em Portugal, diversas confrarias e irmandades proclamam Impérios do Divino desde os tempos medievais.

Considera-se, no entanto, sua instituição oficial obra e graça da rainha Santa Isabel que, ao lado de D. Diniz, governou Portugal no princípio do século XIV. O debate em torno do mito de origem da Festa do Divino, por vezes, a aproxima

(1) A respeito das cavalhadas, ver página 86.

Tamanhas eram as festas na capital que se discute até se não foi o Império do Divino a inspiração maior para a constituição do próprio Império do Brasil, com toda a pompa e cerimônia encenadas por seus integrantes.



de doutrinas medievais consideradas heréticas, como as do cisterciense Joaquim de Fiori. O abade buscou associar o culto do Espírito Santo aos movimentos messiânicos e, por esse viés, justificar seu aspecto marcadamente anticlerical. Longa é a tradição milenarista portuguesa, sempre à espera do porvir, de um governante de coração puro que represente Deus na Terra e que seja um homem do povo, para instaurar definitivamente um novo tempo, o “tempo do Espírito Santo”.

O saudoso escritor Paulo Bertran era um dos entusiastas dessa visão, apaixonado pelos mistérios dos painéis atribuídos a Nuno Gonçalves. Afirma-se que esses painéis representam a cerimônia de coroação de um menino-imperador na corte de Afonso V, no período das grandes navegações. Notável “eco-historiador” do Planalto Central, Bertran era anfitrião de uma folia rural na Fazenda do Assombrado em Cocalzinho de Goiás, juntamente com seus devotos caseiros Isabel e Henrique Moreira, com quem gostava de discutir suas “cosmogonias roceiras”. As inesquecíveis discussões sobre os festejos do Espírito Santo que travei com Bertran sempre recaíam sobre aspectos da religiosidade medieval e suas profundas reminiscências no Brasil rural.

Como pode o povo promover um culto a somente uma das três pessoas da Santíssima Trindade sem que a Igreja o considerasse uma superstição, um resquício do paganismo, ou mesmo uma heresia? Como pode uma festa católica não estar centrada na hierarquia eclesiástica, fora do seu controle direto, reservando às autoridades da Igreja meros papéis coadjuvantes e a um leigo o dom de emanar o Espírito Santo como imperador? É em torno dessas questões que se vão evidenciar querelas, conflitos e disputas, em linhas de clivagem e composição que periodicamente atualizam a complexa política ao redor do sagrado nessa festa, em diferentes tempos e lugares.

Por esses motivos, a festa foi tão reprimida em Portugal continental, a partir da Inquisição e por séculos além, que quase desapareceu, restrita a poucas freguesias, exilando-se nas ilhas do Atlântico e depois no Brasil, “territórios onde o braço de Roma dificilmente se impunha”. No arquipélago dos Açores, assolado por implacáveis tremores de ter-

ra, maremotos e vulcões, o sacrifício do boi ao Divino e as grandes refeições coletivas tornaram-se formas de piedade altamente populares, fazendo proliferar “impérios” que logo fortaleceriam a vocação separatista das ilhas. Assim, o sentido da festa assumiu também dimensão política fundamental para o povo que vive nesse território distante e que tanto almeja se distinguir.

Muitos sentimentos evocados pela festa, tanto em Portugal quanto nos Açores, chegaram ao Brasil em sucessivas levas de imigrantes. Seus primeiros registros por aqui são condenações de padres católicos, abismados com as licenciosidades da festa em Pindamonhangaba, São Paulo, e Salvador, Bahia, em meados do século XVIII. Sua popularidade, no entanto, iria se ampliar ao longo do século seguinte, tornando-se um dos mais apreciados e ostensivos festejos na corte imperial.

A vinda de açorianos para o litoral do Brasil trouxe seus modos particulares de celebrar o Divino, tanto para os estados do Sul, sobretudo Santa Catarina, quanto para o Rio de Janeiro, então convertido na grande capital do Império. Tamanhas eram as festas na capital que se discute até se não foi o Império do Divino a inspiração maior para a constituição do próprio Império do Brasil, com toda a pompa e cerimônia encenadas por seus integrantes. Tanto é que artistas estrangeiros como Debret, Chamberlain e Briggs registraram seu encantamento em seus desenhos e apontamentos. As festas também não escaparam aos olhos de cronistas do cotidiano como Mello Moraes Filho, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis.

Na primeira legislação eleitoral brasileira, D. Pedro I estabeleceu que as eleições deveriam ser realizadas no interior das igrejas e iniciadas com a “missa solene do Espírito Santo”, seguida de discursos e atos deliberativos da assembléia paroquial, em um processo seletivo que conjugava atos cívicos e religiosos. O registro prévio dos eleitores deveria ser realizado pelos párocos na “Dominga Septuagésima”, ou seja, no dia de Pentecostes, sete domingos após a Páscoa, celebração litúrgica da descida do Espírito Santo so-

Enfim, na participação de todos, cada um de modo particular e com sua marca pessoal, nessa grande celebração a céu aberto. Compreender sua estrutura, que se desdobra em uma miríade de símbolos e ritos, é, portanto, um imenso desafio para quem se depara com esse universo envolvente.

bre os apóstolos e Maria reunidos no cenáculo. O “tempo da política”, portanto, confundia-se com o período festivo dedicado ao Espírito Santo, desde a primeira Assembléia Constituinte, em 1824.

No Rio de Janeiro, ainda hoje se conservam coroas do Divino nos bairros do Catumbi, Vila Isabel e Encantado, e na Engenhoca, em Niterói. Ali se concentram, até o presente, açorianos empenhados no “sorteio dos pelouros” e na “desmancha da carne”. Eles servem roscas e sopas de alcatra em grande festa, na qual as bandeiras dos Açores e do Espírito Santo são ostensivamente empunhadas lado a lado como signos da diferença.

O Divino também foi parar no Maranhão e lá ganhou outras cores nas Casas de Mina, integrando-se ao universo dos cultos afro-brasileiros. A força do canto e do toque das caixeiros dá um tom especial a essas festas maranhenses, valorizando não os homens, mas as negras senhoras, que ocupam o centro das atenções com seu improviso, ancestralidade e sabedoria sacerdotal.

Dizem que a pombinha branca não pára e, por isso, o Divino resolveu se embrenhar pelo sertão, voando de fazenda em fazenda, louvando cada casa, cada paiol de milho e casa de farinha. Assim, a devoção espalhou-se pelo interior do Brasil, pousando nos vales dos rios Paraíba e Tietê, em São Paulo, e em cidades históricas do tempo do ouro, como Paraty (RJ), Diamantina (MG), Natividade (TO), Vila Bela da Santíssima Trindade (MT), Cidade de Goiás e Pirenópolis (GO). Folias dispersaram-se pelo Brasil rural, levando consigo a bandeira da fé. Famílias passaram a acolher com delicada hospitalidade os foliões do Divino, devotos cavaleiros a pedir pouso e comida em música e verso, com suas preces de bênção e agradecimento.

O gosto de ver tachos de cobre fervilhando, de servir bem e com fartura, de reunir gente em torno da mesa, de compartilhar o alimento e agradecê-lo, recriando a eucaristia, com a reza e o cantório do “bendito louvado seja” sobre grandes painéis cheias, faz da prosperidade e da dádiva grandes valores manifestos nas celebrações do Espírito Santo em todos os tempos e lugares. Em Goiás, não poderia ser diferente.

VIVA A BOA UNIÃO! Ao longo de dois séculos, o povo de Pirenópolis reuniu diferentes maneiras de festejar o Divino, ampliando intensamente a variação multifacetada de suas formas de culto. Como em nenhum outro lugar, por lá se fez cumprir de modo singular o ditado açoriano que diz: “cada canto, seu Espírito Santo”. Na diversidade de formas, que é também um valor maior dessa grande festa da agregação, mantém-se como eixo central a constituição de um império, manifestação da bondade, da justiça e do poder divino sobre um devoto cidadão cujo nome é tirado à sorte, responsável pela circulação da dádiva e pela complexa organização dos festejos.

Em Pirenópolis, a celebração tradicional nasceu com a fixação do homem na terra, com a agricultura de abastança, com o entrelaçamento das famílias, com a intensa sociabilidade local e com a alegria de sua gente, que preservou antigas formas de ser católico. O cuidadoso registro dos imperadores do Divino desde 1819 revela a importância dessa posição honorífica na cidade, signo maior de distinção social, além da participação constante de famílias tradicionais na hierarquia da festa. Valores sempre lembrados, como alegria, fartura e liberdade, expressam-se no constante exercício do acolhimento e da hospitalidade, no preparo do alimento e na comida farta, na dança e na música envolventes, no firme desempenho das artes eqüestres. Enfim, na participação de todos, cada um de modo particular e com sua marca pessoal, nessa grande celebração a céu aberto. Compreender sua estrutura, que se desdobra em uma miríade de símbolos e ritos, é, portanto, um imenso desafio para quem se depara com esse universo envolvente.

Ao imperador cabe a captação de recursos, a preparação de grande queima de fogos e a organização de ensaios, procissões e alvoradas, assim como de vários encontros festivos para a produção de verônicas, medalhas brancas de puro alfenim que são distribuídas no dia de Pentecostes. O imperador deve expressar generosidade, hospitalidade e distinção, representando a própria sociedade e organizando sua grande festa religiosa, sob o símbolo maior da coroa, acompa-



BRASIL

Nessa grande representação, e em torno de seu protagonista, constitui-se verdadeiro séquito de fiéis, que o segue pela rua em sucessivos cortejos. Integram essa fase central o levantamento do mastro, a fogueira e a grande queima de fogos, realizados no sábado.

nhado do cetro e da bandeja de prata. Tal como observado na prática do evergetismo pelos imperadores romanos, seu principal atributo é a prodigalidade, demonstrando seu caráter benfazejo na redistribuição de alimentos e riquezas.² O protagonista do ritual empenha-se em imprimir sua personalidade na realização dos festejos, de acordo com o volume de recursos que arrecada e dispõe para a festa, plenamente consciente de que “igualar não é superar”.

Três grandes fases estruturais compõem o Império do Divino em Pirenópolis – folias, império e cavalhadas – que simultaneamente se entrelaçam e se distinguem. As folias, fase inicial que ocorre entre abril e maio, seguem a cavalo pelas fazendas do município (folia da roça), percorrendo longas distâncias, e a pé pelos bairros periféricos (folia da rua ou da cidade). As folias expressam a vocação andeja do Divino. Elas realizam em música e verso a convocação e o peditório para a festa maior na cidade. Ao agradecer o “dono da casa e sua família” pela hospitalidade do pouso, as folias estendem o sagrado para fora da cidade, abençoando a todos com as bandeiras do Divino, durante oito dias de viagem. Representam os próprios apóstolos em suas viagens, ungidos pelo Espírito Santo, e a dispersão do Cristianismo pelo mundo afora.

O núcleo do império restitui a centralidade urbana da festa, quando se realizam a novena na Igreja Matriz, as alvoradas e procissões. Nessa grande representação, e em torno de seu protagonista, constitui-se verdadeiro séquito de fiéis, que o segue pela rua em sucessivos cortejos. Integram essa fase central o levantamento do mastro, a fogueira e a grande queima de fogos, realizados no sábado. No domingo de Pentecostes, ocorrem o sorteio e a coroação do novo imperador, além da distribuição de verônicas pelas crianças, pelas virgens e pelos anjinhos vestidos de branco. Assim, no dia principal da festa, já se garante e se define sua continuidade para o ano seguinte, proclamando-se um novo imperador, escolhido, segundo crêem, por vontade do próprio Espírito Santo.

Ao Império do Divino de Pirenópolis, agregaram-se duas festas de estrutura semelhante: o Reinado de Nossa Senhora



Sobre cavalos de pau, os meninos da Vila Matutina aprendem as carreiras e se apresentam nas cavalhadinhas.

do Rosário e o Juizado de São Benedito, com seus respectivos cortejos, distribuições de salgados, doces e presença maciça dos moradores da cidade. Durante as três festas unidas, agregadas ao redor do culto ao Espírito Santo, apresentam-se a Banda Phoenix e variados autos e danças, ricas manifestações da cultura negra, no louvor a seus santos de devoção: o congo e sua encenação de embaixadas da Rainha Ginga, a congada e seu batuque e a banda de couros, com seu toque e repertório marcantes. Incorporaram-se também a contradança, na qual se executam movimentos com arcos e paus-de-fita, a apresentação das pastorinhas, deslocadas do Natal para o ciclo do Divino, rivalizando seus cordões azul e encarnado, além de diversos dramas e comédias, espetáculos tradicionalmente apresentados no antigo teatro da cidade.

(2) N. E. “Evergetismo” é um termo derivado do grego *euergetés*, utilizado por especialistas para descrever uma atitude benéfica relacionada à manifestação da virtude ética da magnificência.

Nos intervalos do espetáculo, pelas ruas da cidade, os mascarados entram em cena fazendo brincadeiras e algazarra, para alegria e descontração do público. Representando o poder máximo de inclusão na festa, sua espontaneidade e graça contrastam com o rigor cerimonial das cavalhadas.



As cavalhadas, terceira e última das três grandes fases, têm início no domingo de Pentecostes. Esse folguedo popular revive as gestas medievais em sua representação das batalhas entre mouros e cristãos, contrapondo as cores vermelho e azul. A complexa encenação eqüestre foi instituída na cidade pelo imperador da festa em 1826, padre Manoel Amâncio da Luz, que evocava as batalhas de Carlos Magno e os Doze Pares de França contra o rei mouro e seu “exército de infiéis”. Os 24 cavaleiros de Pirenópolis formam um grupo de notáveis que se destacam pela destreza e pelos relevantes papéis rituais e sociais que desempenham. A partir do dia principal da festa e por três dias seguidos, mouros e cristãos encenam embaixadas, a morte do espião mouro, batalhas de lança, espada e arma de fogo, a conversão e o batismo dos mouros, para que, ao final, os dois exércitos se confraternizem e disputem os jogos de tira-cabeças e de argolinhas.

Nos intervalos do espetáculo, pelas ruas da cidade, os mascarados entram em cena fazendo brincadeiras e algazarra, para alegria e descontração do público. Representando o poder máximo de inclusão na festa, sua espontaneidade e graça contrastam com o rigor cerimonial das cavalhadas. Sob seus disfarces e sublevando-se por meio do riso, muitas vezes submetem as autoridades locais, como o padre, o prefeito e o juiz a críticas implacáveis. Com suas performances características, o bando dos mascarados e as cavalhadas formam juntos os grandes espetáculos visuais dessa festa, atraindo grande número de turistas.

Observa-se que, se os papéis relevantes na folia são encarnados pelos mais velhos, na figura dos alferes, embaixadores e músicos, e se os adultos ocupam a posição central no império e nas cavalhadas, são as crianças que encerram as homenagens ao Espírito Santo em Pirenópolis. Passada a grande festa, todo o ciclo festivo é novamente representado em sua versão mirim na Vila Matutina, com a realização das “cavalhadinhas”, do “império das crianças” e do “reinadinho”.



| Cavaleiros mascarados, Cavalhadas, Pirenópolis

Com seu arranjo singular e modo espetacular de expressão do sagrado, a Festa do Divino de Pirenópolis congrega todas as idades e encontra analogia com o próprio ciclo da vida, porém fluindo às avessas, da velhice à juventude, da idade adulta à infância. Assim, na alegria da fé, o rito rejuvenesce a sociedade e renova a si próprio, agregando velhos e moços, gente da cidade e de fora, participantes e assistentes em um só espírito festivo, ao longo de gerações. Por isso, ao louvar o tempo da festa, que reúne passado, presente e futuro e é simultaneamente uma forma de devoção e de diversão, canta-se a uma só voz nas folias e ensaios das cavalhadas: “Essa festa não se acaba, essa festa não tem fim/ Mas se essa festa se acabar/ Ai meu Deus! Ai meu Deus!/ Ai meu Deus, que será de mim?”.

NO GALOPE DAS CAVALHADAS

Em Pirenópolis, as cavalhadas incorporaram-se à Festa do Divino por obra do padre Manoel Amâncio da Luz que, quando foi imperador, em 1826, também mandou fazer, em prata lavrada, a coroa e o cetro até hoje ostentados nas procissões. Os pirenopolinos assimilaram tão bem essa e outras danças dramáticas em sua festa que as cavalhadas se tornaram sua atração principal, com suas animadas “carreiras”, formadas por movimentos eqüestres muito bem ensaiados, ao som das quadrilhas tocadas pela Banda Phoenix.

A dramatização das lutas começa no domingo de Pentecostes, ou seja, cinqüenta dias depois da Páscoa. Após a morte do espião onça, enviado pelos mouros, e firmes diálogos travados entre reis e embaixadores, em longa diplomacia declamada, segue um dia inteiro de batalhas encenadas. Na segunda, à tarde, prosseguem os combates de lança, espada e garrucha até que os mouros se dão por vencidos e são batizados “em nome do Espírito Santo”. Terça-feira é o último dia da festa. Há um ambiente alegre devido aos jogos de conagraçamento entre cristãos e mouros já convertidos, ao jogo do tira-cabeças, feito com as máscaras de papelão tradicionais da cidade, e ao jogo das argolinhas, que são tiradas à lança pelos cavaleiros a galope.

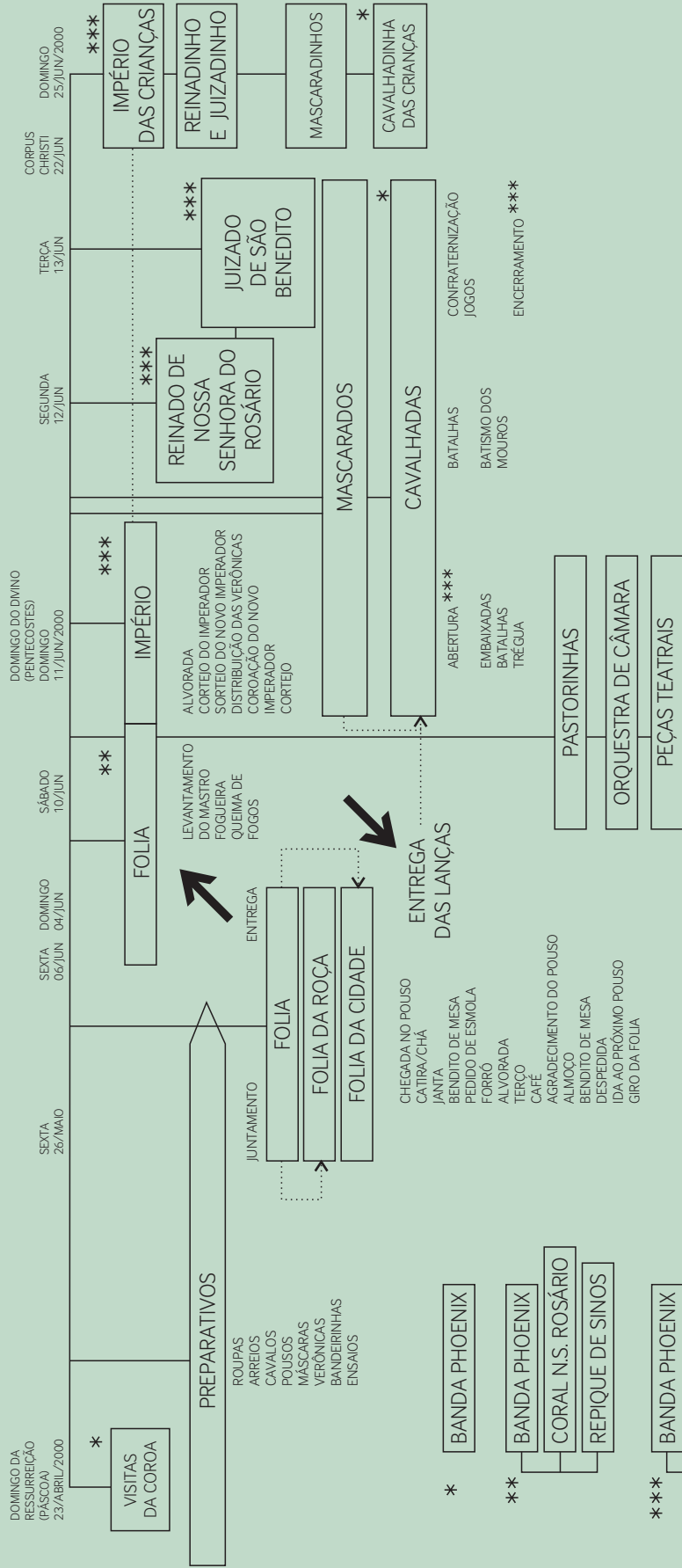
Expressão de lutas medievais e da arte da cavalaria em pleno século XXI, as cavalhadas evocam um tempo fora do tempo, apresentando de forma didática e com toda a destreza um modo de ser cristão e cavaleiro do Divino. Desde a reconquista ibérica, no século XII, mouros e cristãos saíram das trovas e gestas para serem encenados em ocasiões solenes, popularizando-se após a queda de Granada (1492) e daí se espalhando pelo recém-descoberto Novo Mundo.

O papel do guerreiro azul da cor do céu é apresentar as lutas e vitórias de sua fé pela espada, uma vez que “a fé do vencido será infame e mentirosa”, conforme o texto declamado pelo embaixador cristão ao declarar guerra aos mouros. Com ele e contra ele, braveja e investe o guerreiro mouro, vermelho como o sangue em sua “guerra santa”. Céu e inferno digladiam-se na luta antagônica entre o bem e o mal. Vitorioso na conversão do outro, ocorre a “união na diferença”, seguindo os preceitos da lógica cristã da inclusão, e a primazia católica que se pretende universal.

É com muita devoção que, há mais de 30 anos, homens como Chico Pedruca apresenta-se nas cavalhadas todos os anos, e outros como Toninho da Fazenda Babilônia encarna o papel de rei dos mouros.

Foi em 2005, no Ano do Brasil na França, que as cavalhadas de Pirenópolis pela primeira vez atravessaram de volta o Atlântico e saudaram sua evocação de origem no país de Carlos Magno e dos Doze Pares de França. Mouros e cristãos apresentaram-se com toda alegria, pompa e circunstância durante a abertura do prêmio Diane-Hermès, uma das mais importantes competições hípicas da Europa, no hipódromo de Chantilly, a convite do Embaixador Sérgio Amaral, que adotou Pirenópolis como sua segunda casa.

PROCESSO RITUAL DA FESTA DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS (2000)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. *O Império do Divino: Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999. 406 p. (Histórias do Brasil)
- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Moderna, 1990. 95 p.
- ALVES, Ana Claudia Lima e. *Minotauros, Capetas e Outros Bichos: A transgressão consentida na Festa do Divino de Pirenópolis. De 1960 ao tempo presente*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História – Universidade de Brasília. Brasília, 2002. 187 p.
- ANDRADE, Mário de. A Entrada dos Palmitos. In: *Revista do Arquivo Municipal*, Ano 3, Nº. 32. São Paulo: Arquivo Municipal, fev.1937, pp. 51-64.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Solo Editores, 1994. 270 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Cavalhadas de Pirenópolis: Um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974. 169 p.
- _____. *O Divino, o Santo e a Senhora*. MEC/ FUNARTE/ Companhia de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978. 163 p.
- CARVALHO, Adelmo de (org.). *Pirenópolis: Coletânea 1727-2000. História, turismo, curiosidades*. Pirenópolis, GO: ed. do autor, 2001. 213 p.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1993 (Reconquista do Brasil, 151). 811 p.
- CERTEAU, Michel de. *L'Étranger ou l'Union dans la Différence*. Paris: Desclé de Brouwer, 1969. (Foi Vivante, 114). 261 p.
- COELHO, Margareth da Luz. *O Império e a Rosa: Estudo sobre uma devoção ao Espírito Santo*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1998. 141 p.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa, Seguido de Ensaio sobre Toponímia Antiga*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988.
- ETZEL, Eduardo. *Divino: Simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano; Rio de Janeiro: Kosmos, 1995. 180 p.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. *A Evolução do Sistema Eleitoral Brasileiro*. Brasília: TSE, 2005. 243 p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 213 p.
- JAYME, Jarbas. *Esboço Histórico de Pirenópolis*. Goiânia: Ed.UFG, 1971. 2 vol.
- LEAL, João. *As Festas do Espírito Santo nos Açores: Um estudo de antropologia social*. Lisboa: Don Quixote, 1994. 319 p. (Portugal de Perto, 29)
- MORAES FILHO, Mello. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. São Paulo: Ed.USP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. 318 p. (Reconquista do Brasil, 55)
- MELLO, Marco Antonio da Silva & VOGEL, Arno. *Quando a Rua Vira Casa: A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: FINEP; IBAM, 1981. 152 p.
- PACHECO, Gustavo; GOUVEIA, Claudia; ABREU, Maria Clara. *Caixeiros do Divino Espírito Santo de São Luís do Maranhão*. Rio de Janeiro: Associação Cultural Caburé, 2005. 96 p.
- SILVA, José Luís Conceição. *Os Painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil*. Brasília: edição do autor, 1997.
- SILVA, Mônica Martins da. *A Festa do Divino: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia: AGEPEL, 2001. 229 p.

- SIQUEIRA, Vera Lopes de. *Tradições Pirenes*. Goiânia: Kelps, 1997. 110 p.
- VEIGA, Felipe Berocan. *A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis: Polaridades simbólicas em torno de um rito*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2002. 220 p.

_____. A Folia Continua: vida, morte e revelação na festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana (Org.). *Divino Toque do Maranhão*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005, pp. 83-94. (Série Encontros e Estudos, 9)

Felipe Berocan Veiga

Doutorando e Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense e Coordenador do Curso de Produção e Política Cultural da Universidade Cândido Mendes. Desde 1996 realiza pesquisas etnográficas e documentação audiovisual na cidade de Pirenópolis.

